



## **Mestiçagem e sincretismo: uma reflexão sobre a obra os pastores da noite, de Jorge Amado.**

Flávia Yonara Vieira da Silva<sup>1</sup>

### **1. Introdução**

O intuito primeiro dessa pesquisa foi o de estudar a concepção de sincretismo religioso entre o candomblé e o catolicismo usado por Jorge Amado, importante escritor brasileiro do século XX nascido na Bahia em seu romance *Os Pastores da Noite*. Porém no decorrer da leitura dessa obra outros elementos se fizeram presentes de maneira bastante expressiva, como é o caso da mestiçagem e da cultura popular que juntas formam a estrutura da composição literária exposta por Amado nessa obra em especial que acabaram sendo abrangidas por esse trabalho.

Ao entender que a singular trajetória intelectual desse autor constitui em um fato relevante para construção de toda sua carreira, usaremos além do livro *Os Pastores da Noite*, obra que carrega em si o conteúdo a que Amado subjetivamente coloca seus anseios e visão de mundo, de uma maneira delimitada ao universo da sua ficção, sua autobiografia *Navegação de Cabotagem*. O contato com a narrativa pessoal desse autor nos auxiliou no encontro de obras que ele creditou estar de acordo ou não. Como é o caso de Nina Rodrigues (1862-1906), autor maranhense cuja pesquisa voltada para o entendimento da contribuição do povo africano em nossa cultura que Amado se pôs em oposição, mesmo não tendo sido eles contemporâneos. Isso porque os estudos de Nina Rodrigues contribuíram para um pensamento que significou o negro a margem de nossa sociedade, que reverberou até a época que Amado iniciou seu percurso intelectual. Ou num caso contrário, a importância de Gilberto Freyre (1900-1987) e de *Casa Grande & Senzala*,

---

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente, licencianda do curso na mesma instituição. Pesquisa de graduação "Mestiçagem e Sincretismo: Uma reflexão sobre a obra *Os Pastores da Noite*, de Jorge Amado.", orientada pelo professor Doutor Luiz Assunção, UFRN. Base de pesquisa Culturas Populares UFRN.



aparato intelectual que Jorge Amado compartilhou ideais de como pensar a nossa sociedade, as contribuições dos portugueses e africanos, que originaram uma cultura singular que podemos chamar de brasileira, sem supor prejuízos a nenhum desses povos.

## 1.2 Metodologia

As preocupações que determinam a construção desse trabalho dizem respeito à perspectiva de melhor compreensão da situação que levou o autor a criação de uma obra que chamasse atenção para o tema sincretismo e mestiçagem num período bastante conturbado. O ano do lançamento de *Os Pastores da Noite* é 1964, ano no qual deu se início uma ditadura militar em nosso país que duraria 20 anos, sabendo ainda que passávamos, por divergentes concepções na elaboração de nossa identidade, onde o papel negro era relacionado sempre a inferioridade e atraso, e sua cultura, criminalizada, como era o caso do candomblé.

Assim, apresentaremos o autor e sua trajetória política e intelectual, além de passar pela sua produção literária a fim de conferir uma explanação de sua vida e obra. Os principais instrumentos utilizados para leitura destas informações foram *Navegação de Cabotagem* (1992), como arcabouço de informações biográficas e *Maria Arruda* (2011) para compreender o movimento literário em que Amado se situa e seu período histórico. Fundamentaremos ainda nossa análise usando Nina Rodrigues (2010) já que ele é um elemento debatido na escrita de Amado, achamos importante trazê-lo em nível de exposição de ideias criticadas pelo autor. Gilberto Freyre (2003) como ponto de convivência e aceitação intelectual em sua formação e a ideia de mestiço utilizada por Amado. Burke (2010) para entendimento da noção de Povo e Cultura Popular, Ortiz (1998) para compreensão do nacional e também da cultura brasileira, Turner (1974) e a noção de *Liminaridade e Communitas*, muito importantes para entender o tipo de relações possíveis no grupo social descrito por Amado, além de Valente (1977) e Ferreti (1995) para interpretar o sincretismo proposto nessa obra.



### 1.3 O universo de Jorge Amado

Jorge Amado é até hoje um dos mais renomados escritores da literatura brasileira. Seus mais de quarenta livros foram traduzidos em mais de cinquenta países, suas obras inspiraram filmes, telenovelas, peças de teatro e músicas de sucesso. Eleito para o cargo de deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro em 1945 foi em seguida cassado e exilado após o partido ser posto na ilegalidade. Em 1961 designado como membro da Academia Brasileira de Letras ocupou a cadeira que havia pertencido a Machado de Assis até sua morte em 06 de agosto de 2001, sendo sucedido então pela sua esposa a também escritora Zélia Gattai. Possuía ainda o título de Doutor Honoris Causa concedido por dez universidades, entre elas estava a Sorbonne da França. Era também detentor do título de Obá no terreiro Ilê Axé Opô Afonjá em Salvador, Bahia.

Sabendo da importância dada por Jorge Amado à religião, em especial ao candomblé e o sincretismo é justamente sob a perspectiva da compreensão da mestiçagem e sincretismo contidos em sua obra que tomamos seu livro *Os Pastores da Noite* como objeto de reflexão. Buscamos identificar em conceitos os elementos levantados em sua narrativa entendendo que antes de qualquer coisa, Amado intencionalmente usa a realidade no modo de retratar casos, chegando a ser etnográfico em certas ocasiões.

Em 2012 ao fazer 100 anos todo o país esteve envolvido na celebração de seu centenário. Em outubro de 2011 já dentro do calendário de comemorações foi lançado o filme *Capitães de Areia*, baseado no livro homônimo de Amado, escrito em 1937, sobre a vida de meninos de rua em Salvador. No ano de 2012 o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo abrigou a exposição *Jorge Amado e Universal* de abril a julho desse mesmo ano, dividida em três módulos onde o expectador passava pelos seus principais personagens, temas, por depoimentos de amigos, familiares e do próprio autor sobre seu processo de criação, fatos importantes de sua longa trajetória como intelectual, colocados ao visitante de uma forma interativa usando diversos recursos audiovisuais. Livros seus como *Mar Morto* (1936), *O*



**Compadre de Ogum (1964), Velhos Marinheiros (1961) e Navegação de Cabotagem (1992) foram relançados em edições especiais ao longo deste ano. Na Fundação Casa de Jorge Amado em Salvador em agosto mês do centenário do escritor houve o Curso Jorge Amado, II Colóquio de Literatura Brasileira. Estes são apenas alguns dos exemplos que podem ser dados que solenizam a produção Amadiana em nossa cultura recente, sendo que desde seu primeiro romance, escrito por ele aos 18 anos O País do Carnaval (1931) Jorge Amado causava tumulto. Amado tornou-se um autor cuja produção literária contém tantas informações de interesse social, do que faz singular a constituição cultural brasileira, que seus livros perduram como material apropriado para quem pensava e pensa o Brasil na atualidade.**

**Nascido a 10 de agosto de 1912, em Itabuna pequena cidade no interior da Bahia, filho de João Amado Faria, fazendeiro do cacau e Dona Eulália Leal Amado, Jorge Amado esteve desde cedo em contato com aquilo que seriam temáticas constantes em suas obras: A disputa por terras na zona cacauera, trabalhadores rurais e operários, jagunços e coronéis, a relação do homem e sua cor na sociedade, a vida difícil das meninas e mulheres que enfrentavam o ofício da prostituição. Em sua autobiografia *Navegação de Cabotagem*, Amado nos conta desse contato quando ainda era apenas um garoto em Ilhéus, onde passou sua infância e início de adolescência:**

**Os coronéis do cacau, eu os aprendo, irão ser meus personagens nas histórias de espantar. Menino xereta, acompanho meu pai, meu tio Álvaro Amado, dois coronéis, um serio, trabalhador, o outro ladino, aventureiro. (...) Os negros são raros mas existem: como esquecer o negro José Nique, herói de minha infância, cercado na mata, baleado, rompendo o cerco, chegando de madrugada lavado em sangue à casa da fazenda de meu pai? (AMADO, p.88).**

**Em 1935, Jorge Amado forma se em Direito pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, profissão a qual jamais exerceu. Na realidade o que aconteceu durante essa época foi o desenvolvimento de perspectivas políticas que Jorge Amado já carregava e não existiria no mundo lugar mais adequado para esse desdobramento que o Rio de Janeiro, naquele instante a capital do país agitada por movimentos políticos como a fundação do Partido**



Comunista Brasileiro, a Revolução de 30, o começo da era Vargas, além da crise que levou o Crash da Bolsa de Valores de Nova York que afetou o mundo inteiro gerando no Brasil a crise na economia cafeeira. Esse momento histórico também foi o impulsionador na formação de uma vanguarda intelectual literária inédita, que foi além dos eixos das cidades mais importantes do país como Rio de Janeiro e São Paulo, como nos diz a professora de Sociologia Maria Arminda Arruda (USP), “a fixação dos princípios vanguardistas só se realizou integralmente com a incorporação de outras regiões” (2011). Maria destaca a participação não só de Jorge Amado mais ainda, José Américo de Almeida, paraibano (1887-1980), Graciliano Ramos, alagoano (1892-1953), José Lins do Rego, paraibano (1901-1957), Raquel de Queiroz, cearense (1910-2003), e a particularidade desse conjunto que vivia ligado à verve carioca:

Singularizados pela dedicação dominante ao gênero romance e, em especial, por uma narrativa de cunho marcadamente social, essa geração foi reconhecida pelo caráter empenhado de sua escrita, pela condição de retratistas privilegiados das injustas realidades locais e regionais, pela incorporação na narrativa dos pobres, dos trabalhadores comuns, dos marginalizados sociais, das mulheres, das crianças. (Modernismo e regionalismo no Brasil: entre inovação e tradição, Maria Arminda do Nascimento Arruda, 2011).

Assim na segunda fase do Modernismo as narrativas se abriam para o sertão e o interior, dinamizando assim espaços que até então não eram valorizados dentro da produção cultural no Brasil. Saliêntada pela marcante presença regionalista a segunda fase do Modernismo, mesmo que seus adeptos circulassem pelos mais diferentes espaços que iam do seu lugar de origem até as capitais de importância para a intelectualidade nacional, acarretou toda uma transformação da literatura nesse instante, como a mudança de linguagem, cenário e o modelo de protagonistas. Então para compreender o que estimulou Jorge Amado tornar os temas sincretismo e mestiçagem discutido em sua obra *Os Pastores da Noite* devemos notar que tipo de teorias o circundavam, como por exemplo, que ideias em relação aos africanos detinham prestígio no início do século XIX.

Nesse período foram produzidas teorias a respeito da influência africana na cultura brasileira, que se posicionavam de maneira bastante pessimista a contribuição dos negros em nossa sociedade. Dentre os



responsáveis pela disseminação dessas teorias está o médico legista maranhense Nina Rodrigues (1862-1906), professor na Faculdade de Medicina da Bahia e seguidor dos princípios positivistas de Cesare Lombroso. Escritor livros como, *O animismo fetichista dos negros baianos* (1900) e *Os Africanos no Brasil* (1932), obras que lhe renderam uma importante reputação internacional como pesquisador, onde Nina Rodrigues buscou classificar o valor social que tinha o negro e o mestiço na formação do povo brasileiro, de um modo que abrangeu a observação do negro enquanto ser biológico e social. Tomando de *Os Africanos no Brasil* como base, podemos apontar que para Nina Rodrigues a abolição da escravidão teria sido algo bom, apesar de que durante todo o seu processo tivesse sido

[...]emprestados ao Negro a organização psíquica dos povos brancos mais cultos. Deu-lhe a supremacia no estoicismo do sofrimento, fez-se dele vítima consciente da mais clamorosa injustiça social. (RODRIGUES, 2010, p. 11)

Não seria preciso assegurar portanto, que um dos objetivos contido em *Os Pastores da Noite* seria o de justamente contestar as hipóteses de Nina Rodrigues?

O pensamento de Amado possuía mais afinidade com o presente em *Casa Grande & Senzala*, do pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987) lançado em 1933. Sobre Freyre, Amado relata em sua autobiografia:

Ligam-me a Gilberto Freyre estima e admiração, não fui vassalo de sua corte mas tive plena consciência da significação de Casa Grande & Senzala apenas publicado em 1933 e a proclamei aos quatro ventos: em suas paginas aprendemos por que e como somos brasileiros, mais que um livro foi uma revolução. Na cena política coincidimos e divergimos, jamais as divergências resultaram em desestima, levaram ao afastamento. (AMADO, 1992, p.45)

Se para Nina Rodrigues a escravidão deixara uma incomoda nódoa em nossa civilização, para Freyre foi graças a ela unida ao colonizador português e os índios aqui encontrados que fez nascer o povo capaz de cumprir o desafio de crescer nessa terra. A postura de Freyre foi a de responder criticamente o posicionamento de Nina Rodrigues que afirmava a desigualdade no Brasil era fruto da convivência negra no nosso país, juntamente com a miscigenação racial que fazia do povo brasileiro uma gente fraca e estéril. O que Nina Rodrigues declara ser o problema, Gilberto Freyre anuncia ser a solução:



A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distancia social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. (FREYRE, 2003, p.33)

## 2. Problemática

### O processo da construção da identidade brasileira em *Os Pastores da Noite*

Desse modo a obra literária *Os Pastores da Noite* acompanha esse padrão no pensamento social brasileiro. É um significativo trabalho de Amado na área que diz respeito à construção e representação da identidade brasileira, por se referir a momentos de nossa história social em que a discussão de raça e cultura era deveras problemática. Não que hoje, passadas cinco décadas da publicação da citada obra, *Os Pastores da Noite*, essa seja uma questão resolvida. Mas pelo contrário, a situação que seria a da democracia racial não alcançou as práticas capazes de fazê-las. Jorge Amado age na literatura como figura crítica de tal realidade do país que nos tornávamos que não incluía em sua estrutura nem negros nem mestiços e que sonegava e criminalizava suas expressões culturais, no caso proposto em *Os Pastores da Noite* vemos isso explicitado onde o esforço de Amado é então dar outro sentido as interpretações dos costumes de um núcleo de personagens, que estão inseridos justamente nesse segmento; o de preconceito.

A partir do final da década de 50 Amado afasta-se do PCB, decepcionado pela política soviética. Essa mudança teve efeito na forma contestadora que Jorge Amado dava aos seus romances, não que lhes fossem retiradas a posição política do autor, mas fez com que seus protagonistas se tornassem personagens sem discursos políticos, apenas indivíduos comuns, entretanto inusitadas, como nos mostra o enredo de *Gabriela cravo e canela* (1958), *Dona Flor e seus dois maridos* de (1966), *Teresa Batista cansada de guerra* (1972), *Tieta do Agreste* (1977), mulheres que abandonaram a fragilidade, característica tão comumente associado a elas, para desafiar os tabus tão efetivos desse período como o da



sexualidade, prostituição e infidelidade feminina. Isso colocado na paisagem urbana e humana da cidade histórica de Salvador, seus mercados públicos e ladeiras, na beira do cais, porto de navios e saveiros, não podendo faltar malandros, pobres, negros, pescadores, boêmios, castelos e cafetinas, assim como a classe artística de Salvador, amigos pessoais de Jorge Amado são personagens reais em seus livros: Mario Cravo, Jenner Augusto, Calasans Neto, Carybé, Floriano Teixeira, além de terem sido muitas vezes ilustradores de seus romances. As mães-de-santo como Mãe Menininha de Gantois, Olga de Alaketu e os terreiros de candomblé também são mostrados por inteiro mesclando a ficção de realidade, como quando se propões a descrever os cultos afro-brasileiros em *Os Pastores da Noite*, numa experiência de exploração de uma situação cujos elementos se concentram em volta de uma realidade sincrética.

### **3. Discussões e resultados**

#### **Os Pastores da Noite, uma imagem da mestiçagem e sincretismo na literatura brasileira**

A obra *Os Pastores da Noite* é composta por três partes principais, cada qual com um acontecimento em destaque. No primeiro destes capítulos, chamado a *História verdadeira do casamento do Cabo Martim, com todos os seus detalhes, rica de acontecimentos e de surpresas ou Curió, o romântico, e as desilusões do amor perjuro*, o foco da narrativa é o casamento do sedutor cabo Martim com Marialva.

É nessa primeira parte que são apresentados os personagens que vão fazer parte das histórias do livro: O cabo Martim, jogador de cartas que leva a vida dando pequenos golpes para manter-se, o romântico Cúrio, o negro Massu, o esperto Cravo na Lapela, Pé - de - Vento com seu dom de entender bichos, Tibéria a dona de um prostíbulo, Otália, jovem moça acaba de chega do interior para ganhar a vida se prostituindo, e Jesuíno Galo Doido, figura paterna de todos, pessoa de estima e confiança. Comum a todos eles está à



vida boêmia e a conduta contrária ao padrão moral aceito, que os condena, princípio básico de caráter em personagens centrais para Jorge Amado. A segunda parte do livro *Os Pastores da Noite*, *O Compadre de Ogun*, trata do batizado de Felício, que será mostrado detalhadamente, mas antes passaremos por uma breve exposição da terceira última parte do livro, para que assim possamos nos restringir somente ao segundo capítulo que deve ser analisado a fundo. Intitulada *de A invasão do morro do Mata Gato ou Amigos do povo*, trata da ocupação de um terreno aparentemente sem dono, afastado das áreas mais habitadas do litoral, conhecido como o morro do Mata Gato. Era nesse lugar que vivia a tempos Pé-de-Vento, numa humilde moradia construída por ele mesmo usando palhas de coqueiro e pedaços de ripas. Amado mostra assim, que ele próprio fez aquilo que no início do século XIX, faziam os intelectuais alemães, ao procurar no estilo de vida de artesões e camponeses, sua música, literatura e costumes, algo que desempenhasse frente aquele momento, algo que os diferenciasse de outras nações, que transmitisse o “espírito do povo (o folk)” (BURKE, 2010). O filósofo alemão Herder (1744-1803), um dos grandes responsáveis da organização do estudo da cultura popular como nos diz o historiador inglês Peter Burke, chegou a sugerir que a verdadeira poesia faz parte de um modo de vida particular, que seria descrito posteriormente como “comunidade orgânica”, e escreveu com nostalgia sobre povos “que chamamos selvagens (Wilde), que muitas vezes são mais morais do que nós”. (BURKE, 2010 p.27)

Com o crescimento das cidades e da industrialização, no decorrer do século XIX e XX ocorreu a proletarização dessa classe que antes vivia no campo, com isso a sobreposição campo-povo, tornou se também, periferia-povo. Podemos assim desse modo observar Otália como a demarcadora da passagem campo-periferia. Ela, que era prostituta na cidade do Bomfim no interior de Salvador, muda-se para capital, mas não para qualquer lugar, vai morar na periferia. A mobilidade de Otália, que faz parte do núcleo do povo, criado por Amado. A relação de localização da cultura dita Popular, em diferenciação a cultura dita erudita pode ser visualizada tal como nas distinções:



| <b>CULTURA POPULAR</b> | <b>CULTURA ERUDITA</b> |
|------------------------|------------------------|
| Campo                  | Cidade                 |
| Periferia              | Centro                 |
| Tradição               | Civilização            |
| Oral                   | Escrita                |
| Popular                | Erudito                |
| Baixa                  | Alta                   |
| Tempo Lento            | Tempo Acelerado        |
| Experiência Sensitiva  | Experiência Científica |

O episódio da perda de sua bagagem, em sua chegada na cidade grande, por ser desconhecidora de seus perigos, revela ainda o estado de pureza que a personagem carregava. Pureza essa que é uma das fortes características do povo, elencado como um dos proveitos desse grupo a serem valorizados. E é o que Amado faz, porém com um grande diferencial bastante evidente: ele usa uma prostituta para figurar essa imagem de pureza vinda do interior. O seu objetivo direto é tirar o estigma gerado por essa profissão que sempre é avaliada com o pesar de negatividade.

Passando agora para a segunda parte do livro *Os Pastores da Noite*, tendo entendido o processo de contiguidade entre Jorge Amado e a formação dos estudos das culturas populares, veremos o entrelace entre cultura popular e sincretismo exposto pela escrita de Jorge Amado, que é a cerne desse trabalho.

Com o título de *Intervalo para o batizado de Felício, filho de Massu e Benedita ou O compadre de Ogun*, toda atenção do autor age afirmativamente sobre o sincretismo religioso entre as religiões católica e africana, mostrando como a tradição do batismo cristão se adapta as configurações de existência plural daqueles personagens, passando antes por outra discussão, que também envolve mistura: a mestiçagem.

O filho de Massu lhe chegou de surpresa quando sua mãe Benedita não possuía mais saúde para cuidar da criança que o pai desconhecia a existência, deixando o menino aos cuidados dele e de sua bisavó Veveva,



informando apenas que ainda não o tinha batizado, sumindo logo em seguida para morrer como indigente, pois ela se encontrava bastante doente. Felício não tinha completado um ano de idade, era um menino forte, louro, de cabelo escorrido e olhos claros. Seria possível um negro ter um filho com todas as características aqui citadas? Massu é mencionado muitas vezes durante a obra, apenas como “o negro”, o que o autor pretendia ao criar esse episódio? As suspeitas da paternidade da criança recaíram sobre um homem conhecido como Gringo, que havia andado pelo cais, porém recordaram-se, que esse homem não tinha desembarcado quando Benedita que só permanecera por pouco tempo entre eles, havia engravidado. A mãe da criança dizia a quem duvidasse que o pai fosse o negro Massu, que a cor não importava, poderia ter saído de qualquer um o que não afetava o parentesco de pai e filho. Justifica Amado na voz do narrador:

Olhos azulados qualquer menino pode ter, mesmo sendo o pai negro, pois é impossível separar e catalogar todos os sangues de uma criança nascida na Bahia. De repente surge um loiro entre mulatos ou um negrinho entre brancos. Assim somos nós, Deus seja louvado!” (AMADO 1964, p. 139)

Em *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, Renato Ortiz nos diz que “meio e raça traduzem, portanto, dois elementos imprescindíveis para construção de uma identidade brasileira: o nacional e o popular.” (ORTIZ 1998, p.17) O arranjo feito por Jorge Amado ao apresentar personagens de Benedita, Massu e Felício configura propriamente essa movimentação. Intencionalmente o Amado constrói em seu plano intelectual a representação de progresso nacional cuja formação acrescentada pelos negros e mestiços, é um diferencial encarado de modo espontâneo e positivo. Isso não seria um ponto a ser destacado se não fosse a força de teorias raciológicas em vigor, Nina Rodrigues é só um dos que podem ser lembrados como alvo do pensamento criticado por Amado. O engajamento de Amado em concordância a mestiçagem lhe custou severas avaliações por parte dos críticos literários, como ele nos conta em sua autobiografia:

Romancista de putas e de vagabundos, classifica-me com menosprezo um gráudo da crítica literária. A classificação me agrada, passo a repeti-la para definir minha criação romanesca.” (AMADO 1992, p.174)



O que nos deixa ver que, se por um lado Amado é atacado pela mídia especializada, por outro ele absorve a maneira como é classificado para validar seu posicionamento ante essa questão. A formação do que seria o caráter nacional é um item que poder ser avaliado nessa obra, sabendo que “a noção de povo se identifica a problemática étnica, isto é, ao problema da constituição de um povo no interior de fronteiras” (ORTIZ 1998, p.17). O lugar tolhido por Amado o âmbito de fronteira seria então além do recurso da mestiçagem, o da cultura religiosa afro-brasileira, tanto é que, localizou seus personagens em meio à periferia baiana cujo cenário seria conveniente a típica formação popular, considerado verdadeiro em sua produção literária, entremeado pelo fator religioso, como vemos nos seguintes lances.

Nesta parte do livro são feitos os preparativos para o batizado de Felício que era uma exigência da avó de Massu que não aceitava a ideia do menino de onze meses completar um ano sem o sacramento do batismo. O que nos mostra a importância social do ritual é a disputa entre amigos na escolha de quem seria o padrinho. Por sugestão de Jesuino, decidiram que aniversário e batizado havia de ser festejado no mesmo dia, o que ajudaria na economia de despesas. Para madrinha, haviam todos concordado na escolha de Tibéria, dona de um prostíbulo e muito amiga de todos eles, que havia se disposto a criar o menino não tivesse Massu assumido a responsabilidade tão orgulhosamente. A igreja onde se daria o batizado seria a do Rosário dos Negros no Pelourinho onde o próprio Massu tinha sido batizado. Das decisões a serem tomadas para realização do batizado a escolha do padrinho aparentemente fácil para um homem com tantas pessoas de estima, estava justamente sendo o maior problema: todos os seus amigos estavam à espera de ser o escolhido para incumbência de ser o padrinho.

Na acepção ritual que é o batizado podemos posicionar aquilo que o antropólogo Victor Turner atribui como sendo liminaridade. Esse estado onde o indivíduo, no caso Felício, seria pertencente à situação de vazio por não fazer parte dos iniciados na vida cristã. O esforço de quem possui sua guarda é o da realização da sua iniciação nessa fase por meio do rito do batismo. A condição desse sujeito que se encontra no limiar nesse rito de passagem fica



“no meio e entre posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. ” (TURNER,1971 p.117) Inteiramente relacionado a este estado está à figura de Massu, porque ele faz parte junto a Felício do momento limiar já que é ele vive junto tal significação, porque se a Felício está anexado o vazio da falta de relações definidas em grupo pelo fato dele não pertencer a classe dos inseridos a vivencia religiosa cristã, a Massu o vazio diz respeito ao seu não pertencimento no sistema de parentesco proporcionado também pelo sacramento do batizado, ele não possui antes disso, o status de compadre. Alcançar o espaço refutado seria para os nossos dois personagens condicionados a pertencer o vazio, a conquista do que Turner chama de *Communitas* dada à realização do rito em questão: o batismo de Felício. Em razão de haver na instância do batizado o lado sagrado e profano, devidos os cargos sociais a serem ocupados a partir do acontecimento colocado nos *Pastores da Noite*, o batizado como explica Turner ao afirmar que “toda posição social tem algumas características sagradas. Porém este componente *sagrado* é adquirido pelos beneficiários das posições durante os *ritos de passagem*, graças aos quais mudam de posição” (TURNER, 1971, p. 119) A experiência posta por Amado em sua obra nos trás a figura sem a qual o sentido do batizado não se concretiza, e assim dando a Massu e a Felício espaço na *communitas*: os padrinhos dizendo que

Padrinho e madrinha eram escolhas de iniciativa e decisão exclusivas dos pais, ninguém deva meter o bedelho. Procurados e encontrados entre os amigos íntimos, entre os mais estimados, a quem mais se deviam gentilezas e favores, os compadres eram como parentes próximos, uma espécie de irmãos. Ninguém devia envolver-se no assunto e, tomada a resolução, tampouco criticá-la ou levantar-se contra ela. (AMADO, 1964, p. 144).

O efeito de Amado em seu romance aponta muito mais para uma atuação de entendimento do tipo pessoal das relações em *communitas* do que para a instituição da Igreja Católica em si. O catolicismo popular estaria coberto de possibilidades de aproximação de igual para igual de maneira profana, se distanciando dos aspectos rígidos que são presas a imagem do cristianismo;

“ (...) uma mistura de submissão e santidade, de homogeneidade e camaradagem. Assistimos, em tais ritos, a um momento situado



dentro e fora do tempo”, dentro e fora da estrutura social profana, que revela, embora efemeramente, certo reconhecimento (no símbolo, quando não mesmo na linguagem) de um vínculo social generalizado que deixou de existir, e contudo simultaneamente tem de ser fragmentado em uma multiplicidade de laços estruturais.”(TURNER,1971 p.118)

A Felício, o lugar de “neófito” como qualifica Turner, essa pessoa localizada na liminaridade “deve ser uma tabula rasa, uma lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo *status*”. (TURNER, 1971, p.127)

Nesse instante o tratamento dispensado a Massu era de deferência, o que delineia a influência que permeia a categoria de padrinho. Caráter esse sagrado e profano, por marcar tanto organização religiosa assim como a moral daquele grupo, precisamente pela multiplicidade de laços estruturais que Amado coloca como possíveis diante de um batizado, e as implicações sociais de troca e de parentesco.

Estava Massu a carregar certo volume de compras feitas por uma senhora que morava na Barra a fim de ganhar algum dinheiro para comprar a comida que Veveva reclamava para Felício, quando encontrou Martim. Nessa hora escreve Amado:

Parou o negro Massu sua caminhada: era filho de Ogun e também seu ogã (...) – Ogun é ê!- salvou Massu. E teve uma iluminação, como se o sol explodisse em amarelo, aquele sol cruel e castigado, teve um revertério, um troço nos olhos, uma visão: viu nos matos próximos Ogun rindo para ele, todo paramentado, com suas ferramentas, a dizer-lhe para ter calma porque ele, Ogun, seu pai, resolveria o problema do padrinho do menino. Massu devia vir procurá-lo. Disse e sumiu ligeiro, de tudo aquilo só ficou um ponto de luz na retina do negro, prova insofismável do acontecido. (AMADO,1964 p.147)

Dá aí o início do exercício do autor em entremear os símbolos religiosos católicos e do candomblé, no intuito de demonstrar em sua literatura um evento concreto de convivência entre os dois. Assim, “O fenômeno de sincretismo mostra-se bem nítido com a situação de conflito religioso imposto pelo choque do conglomerado fetichista negro-africano com o catolicismo luso-brasileiro.” (VALENTE, 1977, p. 13)

O conflito proposto por Amado no tocante do sincretismo nos permite avaliar seu engajamento em problematizar à influência da religião afro-brasileira na formação da cultura nacional não apenas na década de 60, que foi o instante que o autor publicou esse livro em específico, mas antes mesmo



disso, pelo fato dessa obra fazer parte de sua confirmada trajetória nessa causa desde o início de sua carreira e durante toda ela. Ao trazer o negro para literatura, Amado nos mostra que estávamos se desenvolvendo no nível de nação, sem que a participação do negro e conseqüentemente dos mestiços, impedissem isso. Circunscrito a isto está ao que Ortiz diz, quando este avalia o propósito de Nina Rodrigues, que podemos ver como o avesso proposto por:

Nina Rodrigues e outros, a mistura de raças desiguais resulta na concentração de “defeitos e taras transmitidas pela herança biológica”. A apatia, a imprevidência, o desequilíbrio moral e intelectual, a inconsistência seriam dessa forma qualidades naturais do elemento brasileiro.”( ORTIZ, p.21)

É interessante notar que como resultado desse pensamento erguia-se uma barreira contrária a construção de um Estado nacional. Delegava se ao futuro o poder de composição do que seria o retrato nacional do país sob a condição de se ter passado por um processo de branqueamento, onde as raças inferiores seriam eliminadas. E as Ciências Sociais iam de acordo com essa corrente, pois “o momento científico [era] de fundação de uma antropologia que se volta para os estudos anatômicos e craniológicos, procurando responder assim as indagações a respeito das diferenças entre os homens. ” (Ortiz, 1998 p. 28). E a adoção dessas medidas pela elite intelectual brasileira atendia as expectativas nada imparciais de demandas políticas e econômicas. Dentro dessa realidade o sincretismo a que Jorge Amado se apodera, expressa a cultura de contestação de seus personagens que segundo sua percepção, são procedentes da mais tangível cultura brasileira. O sincretismo foi antes de qualquer coisa na vida dos escravos negros brasileiros um instrumento de sobrevivência, serviu de disfarce a sua própria religião trazida da África para o Brasil.

Como para Amado o sincretismo merecia um lugar de destaque, ele elegeu para conduzir o desfecho de um batizado católico, como já foi mostrado, Ogum um orixá africano como escolhido para ser o padrinho de Felício em um ritual católico. Assim como em sua experiência empírica, Amado une ao candomblé o catolicismo e o fez sem que isso, no entanto, causasse a Massu desconforto ou fosse motivo de criar uma situação de embate a qualquer de seus princípios. É com naturalidade que Massu conta



ao seu círculo de amigos, a visão na qual Ogun lhe revelou que iria ser ele a resolver o impasse na escolha do padrinho de Felício. “Podemos dizer que cada caso é único e que o sincretismo assume características diversificadas.” (FERRETTI, 1995, p.92) Isso porque o sincretismo exposto por Amado não propõe a troca de um elemento por outro, mas sim a mistura de dois elementos diferentes, que apesar disto, continuam com suas singularidades.

Dessa forma o que o personagem de Massu criado por Amado, continua a desenvolver, é um enredo cuja tendência é demarcar os atributos de sincretismo, “Ogun decidiria sobre o padrinho para o menino e quem quisesse fosse discutir a escolha feita pelo poderoso orixá, só maluco o faria, Ogun não é santo de sofrer desfeita” (AMADO, 1964, p.149) A tudo isso Sérgio Ferreti em *Repensando o Sincretismo* revela que quando são levantadas questões de pureza e mistura ou sincretismo, no que ele chama de *mito da pureza africana*, diz que elas, citando Peter Fry, “são construções sociais surgidas em situações de disputa de poder e de prestígio” (FERRETTI, 1995). Desse modo, o autor faz uma ressalva, que comum entre as décadas de 1970 e 1980, os antropólogos que conduziam uma série de pesquisas buscando os terreiros mais tradicionais e com tendência a se voltarem para África. As opiniões sobre a finalidade desses estudos era a de que, os intelectuais se empenhavam em incutir a esses terreiros, o pensamento de resgate aos africanismos, o que se transformava em um jeito de encobrir a dominação, ou que eles estavam sugestionando uma *dessincretização* e retorno ao estado puro das mesmas. Dessa forma, Ogum seria invocado para responder quem afinal, era o escolhido. A passagem do livro em que os personagens não apenas de Massu, mas também de Tibéria, Jesuíno, Curió, Martim aguardavam ali, a vinda de Ogum. Organizada sob a estrutura de *communitas* (TURNER 1971), nesse momento todos eles encontram-se partilhando da espera por Ogum, foi distribuído o alimento preparado no terreiro, “os animais sacrificados eram agora comida cheirosa e colorida. Doninha escolheu os pedaços rituais, do santo, juntando-lhes abarás e acarajés. Os pratos foram colocados no peji, as feitas cantavam.” (AMADO, 1964, p.154) O ambiente criado por Amado é de consonância. Esse encontro



assemelhasse a uma “reunião social, amigos a conversar”, diz o narrador. Quando mãe Doninha jogou os búzios, chamou por Ogun, e ele veio. “Doninha agradeceu e perguntou-lhe se era bem verdade estar ele disposto a ajudar Massu naquele difícil transe, qual fosse a escolha do padrinho do menino seu filho” (AMADO, 1964, p.154) Prontamente Ogun respondeu que sim, que para isso viera até lá. Apressado, queria de vez ajudar Massu, não quis responde-lo por meio dos búzios, e

“cavalgando uma das feitas sua filha “rompeu pela porta, saudou Doninha, postou-se no peji, elevou a voz: - Decidir já decidi. Ninguém vai ser o padrinho do menino. O padrinho vou ser eu, Ogun. – e riu. No silencio de espanto, Doninha quis uma confirmação: - Vosmicê, meu Pai? O padrinho? – Eu mesmo e mais ninguém. Massu agora em diante é meu compadre. Adeus pra todos, eu vou embora, preparem a festa, eu só vou voltar para o batizado.” (AMADO, 1964, p. 155)

Para cerimônia do batizado de Felício não faltavam mais os padrinhos. A madrinha seria Tibéria, e o padrinho ninguém menos que Ogun. Massu encontrava se feliz, com a consideração recebida por parte de Ogun, ser se compadre lhe seria uma honra. Um problema havia sido resolvido, agora eles tinham os padrinhos, outra dificuldade surgia: como faria Ogun pra ir à igreja? “Para ser padrinho de batizado é preciso ir à igreja, segurar a vela, rezar o Credo. Como poderia Ogun fazê-lo?” (AMADO, 1964, p. 159) Mãe Doninha pedia que Ogun voltasse e explicasse melhor como fariam para agir no dia do batizado, mas era em vão, Ogun partira e como havia dito, só voltaria no dia do batizado.

O que Amado nos coloca agora, é que na primeira infância, o futuro padre, frequentara com a mãe a terreiros de candomblé, com a entrada do filho no seminário, Josefa abandonou as obrigações, “não ficava bem a mãe de um seminarista ser vista no meio de gente de candomblé, muito menos frequentando terreiros de santo.” (AMADO, 1964, p. 165), referenciando aquilo que mais uma vez, reflete a visão do autor, sobre os costumes que conhecia, por meio da voz do narrador. Notamos com isso a produção de Amado, levando o enredo a caracterizar se pelo sincretismo religioso, outra vez, agora trazendo a narrativa o olhar de discriminação tantas vezes expressado pela sociedade, usando Josefa como modelo de comportamento, aquela que se afasta e nega certa conduta em detrimento do julgamento



desvantajoso a personagem tem medo de ser “mal vista” pelos outros, temendo ainda o tratamento que iriam dar ao seu filho que nesse instante se voltava para a vida religiosa cristã. No dia do batizado, o padre Gomes não pode deixar de notar que o movimento na igreja era maior que o de costume. Notou ao chegar que as mulheres, estavam em grande parte vestidas de baianas, e que muitos homens carregavam uma fita azul escuro presa ao paletó. Que muitos dos fiéis era sabido por ele, frequentavam tanto a sua igreja, como os terreiros de candomblé. “ De tudo isso dava-se conta vagamente padre Gomes, o assunto não o preocupava muito, não sendo ele sectário. Afinal era uma boa gente aquela do Pelourinho, católicos todos. Mesmo misturando santos e orixás. ” (AMADO, 1964, p.166) A expectativa volta-se nesse momento para o rito em si do batizado, padre e padrinhos, pai e avó, mãe Doninha em volta da pia batismal. O padre Gomes chama os padrinhos, avança Tibéria em sua direção, assim como Artur da Guima, que cujo comportamento avaliou o padre, era o de um homem bêbado, por na caracterização de Amado, em seu relato, tinha o efeito de representar o aspecto a divindade de Exu. O padre perguntou lhe o nome, foi quando então o orixá revela a todos ali presentes sua verdadeira identidade, “Eu sou Exu, quem vai ser padrinho sou eu. Sou Exu!”(AMADO, 1964, p. 184).

A estupefação, completa, foi quando Amado pôs Ogun, dentro da igreja, naquela desordem de acontecimentos, com Exu declarar se presente em cerimônia cristã, e como seria preciso de um corpo para que ele pudesse se manifestar, o disponível foi o do padre Gomes, Ogun identificou ele precisamente como filho. Amado criou essa possibilidade quando contou a história de seus antepassados, agora retornando a isto como justificativa, portanto o padre Gomes:

era seu filho Antônio, nascido de Josefa de Omulu, neto de Ojuruá, obá de Xangô. Nesse dia podia descer, estava destinado a ser seu cavalo, não fizera as obrigações no tempo devido mas numa emergência como aquela. Sagrado padre, de batina, mas nem por isso menos seu filho. Ao demais, não havia jeito nem escolha: Ogun entrou pela cabeça do padre Gomes. (AMADO, 1964, p. 185-186)

Assim, incorporado no padre, Ogun censurou Exu e lhe deu duas bofetadas, com isso Exu compreendeu ter acabado a “brincadeira” e se foi.



#### **4. Considerações finais**

Significadamente ao acompanhar o percurso da vida e obra de Amado, perceber o quanto esse autor empreendeu trocas com o campo científico. Usando o romance *Os Pastores da Noite* de Jorge Amado como referência, nós pudemos nos remeter a um momento histórico de produção intelectual expressivo, cujas repercussões são vistas até hoje como marcos relevantes. Podermos dizer que o modo criativo utilizado por Amado no enredo de *Os Pastores da Noite*, perpassa o empirismo e o conhecimento metodológico, dada a maneira que ele envolve discussões teóricas sobre mestiçagem e sincretismo assim aproximando sua obra a conceitos que estavam em pleno desdobramento. Podemos em meio a toda essa discussão com méritos científicos de método e análise situar a literatura de Jorge Amado, que sem a pretensão de ser cientista foi o criador de uma imagem muito difundida aqui e no mundo todo do brasileiro como sendo um povo bom e humilde, mestiço na raça e cultura, tendo por vezes caído numa exarcebação dessas características de forma a valorizar romanticamente esses atributos. Mas que também foi o responsável por outro lado, ao fazer uso da linguagem escrita em seus livros de maneira simples numa mistura de escrita formal com o modo falado pelo povo nas ruas, em projetar o Brasil em seus romances que alcançaram imensa popularidade aqui e no exterior.

#### **Referências**

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. A formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global Editora e distribuidora LTDA, 2003. 48<sup>a</sup> Ed.

AMADO, Jorge. Os Pastores da Noite. São Paulo, Editora Record, 1982, 37<sup>a</sup> Ed.

AMADO, Jorge. Navegação de Cabotagem. São Paulo: Círculo do livro, 1992.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Modernismo e Regionalismo no Brasil: entre inovação e tradição. São Paulo: Tempo social. Vol.23, 2011.

RODRIGUES, Nina. Os Africanos no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.



**ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. Editora Brasiliense, 1998. 5ª Ed.**

**FERRETT, Sérgio Figueiredo. Repensando o Sincretismo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, São Luís: SAPEMA, 1995.**

**TURNER, Victor. O Processo Ritual – estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Editora Vozes.**

**VALENTE, Waldemar. Sincretismo Religioso Afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1977, 3ª Ed.**